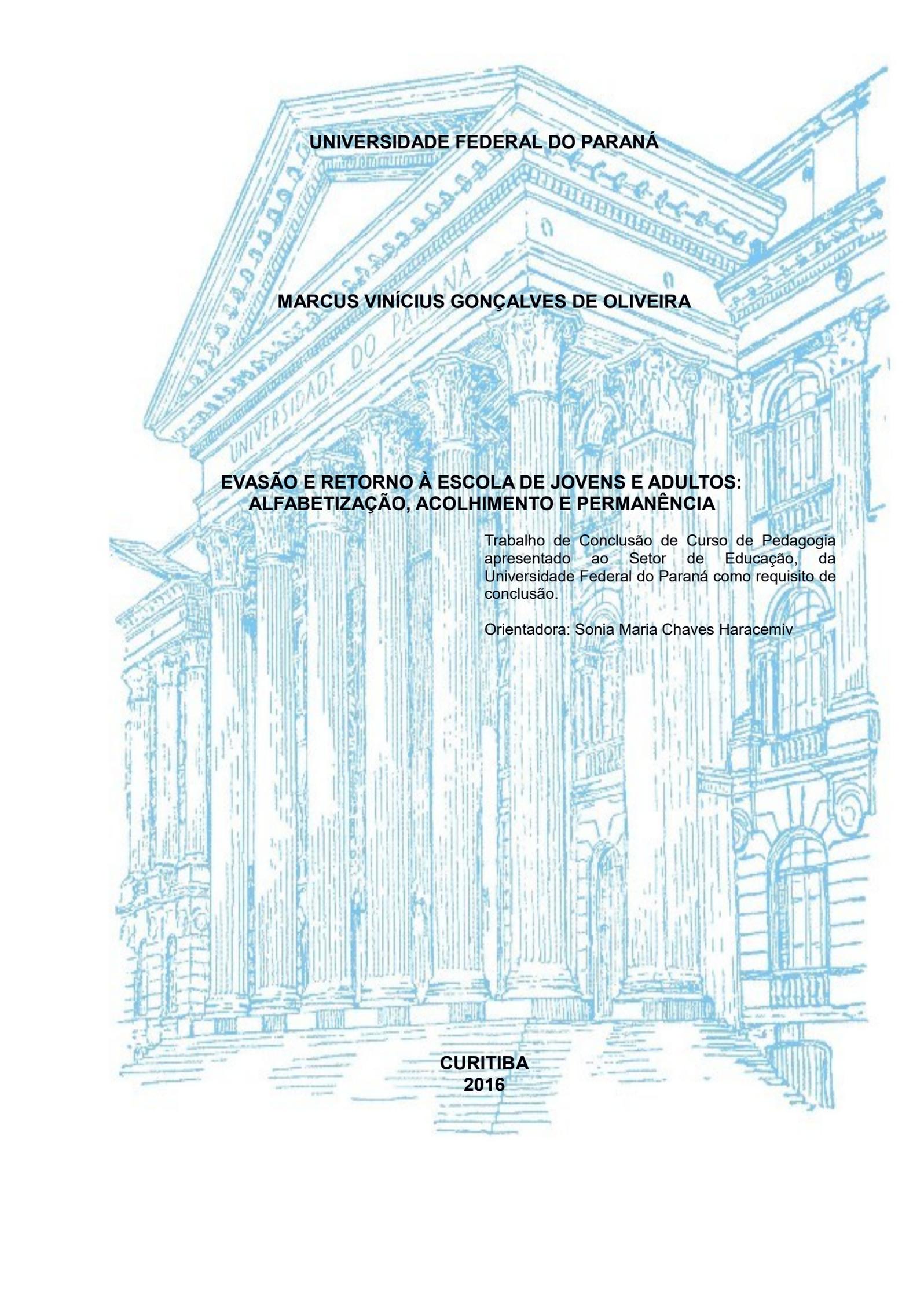


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**MARCUS VINÍCIUS GONÇALVES DE OLIVEIRA**

**EVASÃO E RETORNO À ESCOLA DE JOVENS E ADULTOS:  
ALFABETIZAÇÃO, ACOLHIMENTO E PERMANÊNCIA**

**CURITIBA  
2016**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**MARCUS VINÍCIUS GONÇALVES DE OLIVEIRA**

**EVASÃO E RETORNO À ESCOLA DE JOVENS E ADULTOS:  
ALFABETIZAÇÃO, ACOLHIMENTO E PERMANÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia  
apresentado ao Setor de Educação, da  
Universidade Federal do Paraná como requisito de  
conclusão.

Orientadora: Sonia Maria Chaves Haracemiv

**CURITIBA  
2016**

TERMO DE APROVAÇÃO

MARCUS VINÍCIUS GONÇALVES DE OLIVEIRA

EVASÃO E RETORNO À ESCOLA DE JOVENS E ADULTOS:  
ALFABETIZAÇÃO, ACOLHIMENTO E PERMANÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná como requisito à obtenção do título graduação, pela seguinte banca examinadora:

---

Sonia Maria Chaves Haracemiv

---

Ana Maria Soek

Curitiba 2016

Dedico este trabalho a minha falecida mãe Pedagoga Marilene Gonçalves de Oliveira que sempre acreditou em minha capacidade e ao meu filho que me inspira a viver, a seguir em frente e a ser alguém a quem ele possa ter como exemplo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à pessoa ilustre que é minha orientadora Sonia Haracemiv, pois sem a imensa dedicação e carinho para comigo este trabalho não seria nada além de um amontoado de ideias de um simples estudante em folhas de papel.

Agradeço a todos os professores e professoras que contribuíram para a minha formação desde o primeiro ano do Ensino Fundamental até o último ano desta graduação como educador, como Pedagogo.

Agradeço aos jovens e adultos, à professora e à equipe pedagógica do Colégio Reino da Loucinha que tornaram a pesquisa possível.

Agradeço aos colegas e às colegas de curso por toda a consideração para comigo e por toda a troca de conhecimento que me enriqueceu como estudante.

Agradeço aos meus amigos por acreditarem em mim e por toda a força que sempre me deram para seguir em frente em meus estudos.

Agradeço a toda a equipe de funcionários da UFPR pela assistência a minha pessoa, desde a limpeza dos corredores da instituição ao bom dia na recepção do saguão.

Agradeço a Leila Alves de Miranda por todo o suporte técnico na finalização desse trabalho.

EPÍGRAFE

“Quando se sonha sozinho é apenas um sonho.  
Quando se sonha juntos é o começo da realidade”

Miguel de Cervantes Saavedra

## RESUMO

Este trabalho foi realizado com o intuito de investigar a relação entre o acolhimento e a evasão de alunos adultos após retornarem às salas de aula no ensino de Educação de Jovens e Adultos - EJA no momento da alfabetização. A pesquisa foi realizada em uma turma de alfabetização em uma escola de Campo Largo, região metropolitana de Curitiba. Este estudo não é para resolver nenhuma questão sobre a evasão em EJA, mas sim para que se tenha uma ideia de como iniciar um trabalho de combate à evasão em uma modalidade de ensino que tem por objetivo o combate ao analfabetismo em nosso país conhecendo o perfil dos envolvidos neste processo e mais, conhecendo seus anseios e sua trajetória escolar. Todos os estudantes e a professora de uma turma de alfabetização foram entrevistados através de questionário. A fala dos estudantes foi de satisfação no retorno à sala de aula e sobre o relacionamento com a professora. A professora demonstrou prazer no seu trabalho com os alunos jovens e adultos, mas confirmou que deve haver um intenso trabalho de acolhimento para que os mesmos não desistam novamente dos estudos diante das dificuldades existentes em seu cotidiano como o cansaço após o trabalho, a rotina em casa com a educação dos filhos, a dificuldade intrínseca do aprendizado da escrita e da leitura. Defendemos assim que o acolhimento não deve ser de sentimento, mas pedagógico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alfabetização de Jovens e Adultos; Evasão escolar; Acolhimento.

## **ABSTRACT**

This work was carried out in order to investigate the relationship between the acceptance and the avoidance of adult students after returning to classrooms in the teaching of Youth and Adult Education - EJA at the time of literacy. The research was carried out in a literacy class in a school in Campo Largo, metropolitan region of Curitiba. This study is not to solve any question about evasion in EJA, but rather to have an idea of how to start a work to combat evasion in a teaching modality that aims to combat illiteracy in our country knowing the profile of Involved in this process and more knowing their yearnings, their school trajectory. All the students and the teacher of a literacy class were interviewed through a questionnaire. The speech of all the students was of satisfaction in the return to the classroom and on the relationship with the teacher. The teacher showed pleasure in her work with the young and adult students, but confirmed that there must be an intense work of reception so that they do not give up again of the studies in the face of the difficulties in their daily lives such as fatigue after work, the routine in Home with the education of children, the intrinsic difficulty of learning to write and read. So we argue that the reception should not be sentimental, but pedagogical.

**KEY-WORDS:** Literacy of Youth and Adult; School dropout; Host.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
1.1 JUSTIFICATIVA.....	10
1.2 PROBLEMA.....	11
1.3 PERGUNTAS NORTEADORAS.....	12
1.4 OBJETIVOS.....	13
1.4.1 Geral.....	13
1.4.2 Específicos.....	13
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	14
2.1 EVASÃO E RETORNO NA ESCOLA DE JOVENS E ADULTOS.....	15
2.2 ACOLHIMENTO AOS JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA.....	18
2.3 PERMANÊNCIA DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA.....	21
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	24
3.1 TIPO DE PESQUISA .....	24
3.2 UNIVERSO DA PESQUISA .....	24
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS.....	25
3.4 FASES DA PESQUISA.....	25
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	26
4.1 SUJEITOS DA EJA: EDUCANDOS (AS) E EDUCADORES (AS) .....	26
4.2 TRAJETÓRIAS ESCOLARES.....	30
4.3 A RELAÇÃO DO ACOLHIMENTO COM A EVASÃO E PERMANÊNCIA.....	33
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	35
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	36
<b>APÊNDICES</b> .....	39

## INTRODUÇÃO

### 1.1 JUSTIFICATIVA

A ideia do pesquisador, ao finalizar seu curso de formação como pedagogo, pesquisar sobre a questão do retorno à escola dos adultos ditos analfabetos surgiu antes mesmo de seu ingresso no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná. No ano de 2003 quando cursava Licenciatura em Química na Universidade de Brasília deu aulas para adultos prestadores de serviço em programa da universidade e assim percebeu a necessidade de um educador ter preparo específico para educar jovens e adultos. O interesse na alfabetização, especificamente em alfabetização em Educação de Jovens e Adultos, baseou-se em seu estágio obrigatório em Docência em Ensino Fundamental ao cursar Pedagogia, no qual por interesse próprio estagiou no período noturno para trabalhar com EJA e inclusive foi orientado em turma de alfabetização.

Durante o curso de Pedagogia buscou se especializar das formas que pudesse sobre a educação de jovens e adultos. Cursou disciplinas optativas de metodologia e de alfabetização em EJA, pois no currículo como obrigatoriedade há apenas a disciplina Educação de Jovens e adultos, o que considerou pouquíssimo como formação para um educador que pretenda trabalhar com jovens e adultos.

Ao finalizar seu estágio de Docência o que notou-se foi que não era fácil o trabalho da professora de convencer as alunas a não desistirem do aprendizado da leitura e da escrita. Compreende-se que a flexibilização é palavra-chave na prática educacional em EJA, seja na elaboração do currículo como na questão dos horários dos educandos. São particularidades diversas que, *“remetem a uma necessidade de flexibilização, tanto curricular, como de organização e validação dos tempos escolares...”* (LAFFIN, 2007).

O acolhimento, o retorno e a permanência são conceitos que se conectam nesse intenso trabalho de alfabetizar jovens e adultos e apenas observando a prática pedagógica, dialogando com tais educandos e com a professora, que é quem define se a alfabetização terá sucesso ou não, é que podemos identificar os acertos e equívocos em alfabetização em EJA.

A tomada de consciência sobre a importância da alfabetização, de acordo com Emília Ferreira (1985, p. 9) ocorreu nos anos da década de 1980, com o que

Ferreiro chama de alfabetização remediativa, que é a alfabetização dos jovens e adultos. Ainda hoje temos um contingente grande de adultos e idosos analfabetos no Brasil, o que é deveras muito alarmante, inclusive no estado do Paraná, que trabalham e sobrevivem em uma sociedade totalmente letrada, inclusive com palavras estrangeiras, onde são excluídos de procedimentos simples como o de identificar qual o nome da linha do ônibus, quais as instruções dos eletrodomésticos, quais as importantes informações da bula do remédio e inclusive a receita que o médico receitou, ler contratos que assinam com um nome que aprenderam a desenhar e várias outras situações cotidianas do mundo moderno contemporâneo.

Identificar a importância do acolhimento à pessoa que já teve acesso ao ambiente escolar e que retorna a esse ambiente pode servir como ferramenta para que o (a) educador (a) em EJA tenha um maior êxito na alfabetização destes adultos que carregam em sua história de vida uma culpa e um estigma de incapacidade de não terem concluindo os estudos na idade certa.

## 1.2 PROBLEMA

A reflexão sobre a conexão entre o retorno da pessoa adulta à escola para o aprendizado da escrita e da leitura e a permanência, ou seja, o não abandono novamente da escola foi o ponto inicial para a pesquisa. Questionamos assim, qual a importância do acolhimento no processo pedagógico de alfabetização de jovens e adultos na promoção da permanência do educando? Para realizar um estudo sobre essa questão do acolhimento no processo de alfabetização em EJA, devemos antes entender o processo de alfabetização em si. Cabe aqui mencionar a ideia sobre o que Emília Ferreiro (1985, p.7) já observava na década de 80 sobre o processo de ensino da escrita, o definindo como objeto social complexo, e que apesar de seu trabalho ter sido com alfabetização de crianças, sua afirmação de que as crianças constroem sistemas interpretativos durante o aprendizado da escrita também cabe ao adulto.

A singularidade no ensino para adultos é que os sistemas interpretativos são elaborados de maneiras diferentes das maneiras como as crianças elaboram. O (a) educador(a) precisa compreender que há dois modos de conceber a escrita, sendo

eles a representação da linguagem e a transcrição gráfica das unidades sonoras, pois:

A escrita pode ser concebida de duas formas muito diferentes e conforme o modo de considerá-la as consequências pedagógicas mudam drasticamente. A escrita pode ser considerada como uma **representação** da linguagem ou como código de transcrição gráfica das unidades sonoras (FERREIRO, 1985, p. 10)

O jovem e o adulto retornam à escola porque obviamente querem aprender a ler por diversos motivos e se no retorno tudo é semelhante à sua primeira experiência escolar, o sentimento de que não terão sucesso pode vir à tona. A desistência do aprender a escrever e a ler pode ser o que venha a acontecer novamente para o (a) educando (a).

Não é sem motivos que se desiste de um objetivo, tão pouco como o de aprender a ler e a escrever para uma pessoa adulta ou idosa, ou mesmo para o jovem que no seu retorno à escola novamente a abandona. Identificar estes motivos através de aplicação de questionário é a forma na qual este trabalho de pesquisa se desenvolve para investigar: Quais as relações entre abandono-temporário e regresso, acolhimento, via trabalho pedagógico, na promoção da permanência junto aos/as alfabetizando/as jovens e adultos?

### 1.3 PERGUNTAS NORTEADORAS:

Quais os perfis dos protagonistas (educandos e educadora) de uma turma de alfabetização de jovens e adultos que abandonam e regressam à escola?

Quais os motivos de retorno à escola?

Qual o tempo de afastamento da escola de origem?

Qual a relação de permanência no espaço de sala de aula frente ao acolhimento da alfabetizadora?

Qual a relação aprendizagem da leitura e da escrita frente ao acolhimento pedagógico?

## **OBJETIVO**

### **1.4.1 OBJETIVO**

Identificar as relações abandono-temporário e regresso, acolhimento, via trabalho pedagógico, na promoção da permanência junto aos/as alfabetizandos/as jovens e adultos.

### **1.4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Traçar os perfis dos protagonistas (educandos e educadora) de uma turma de alfabetização de jovens e adultos;

Identificar os motivos de retorno à escola;

Verificar o tempo de afastamento da escola de origem;

Verificar a relação de permanência no espaço de sala de aula frente ao acolhimento da alfabetizadora;

Verificar a relação aprendizagem da leitura e da escrita frente ao acolhimento pedagógico.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil (EJA) é uma modalidade de ensino que resulta do processo histórico de construção do ensino para o povo brasileiro. Cabe aqui neste trabalho um resumo de como hoje é necessário o trabalho da EJA para recuperação de um abandono educacional na história da educação no Brasil.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) integra a Educação Básica e se constitui numa modalidade do ensino regular, pois possui regras específicas de atuação destinando-se a jovens e adultos que não tiveram acesso ou não concluíram os estudos no Ensino Médio e Fundamental durante o período regular sugerido pelas políticas educacionais brasileiras. Este processo, em muitos casos, apresenta um alto índice de evasão [...] (BISINELLA, 2014, p. 2)

Moll (1996) demonstra que o processo de analfabetismo político (ignorância) do povo brasileiro era interessante para que se mantivesse o processo de colonização. Os jesuítas iniciaram um processo de ensino da cultura branca aos indígenas, mas o ensino “jesuítico” deu-se apenas entre 1549 a 1759, pois Marquês de Pombal logo os expulsou e implantou o modelo de aulas avulsas. Ocorreu assim um retrocesso no ensino no Brasil, período este no qual o país ficou sem escolas.

Após a Independência do Brasil implantou-se para o ensino elementar o Método Lancasteriano, este que já tinha sido abandonado na Europa. Neste método as lições eram com poucas ideias e cheias de repetições. Os negros, os indígenas e quase todas as mulheres estavam alheios ao ensino elementar, o que tornava a população brasileira um grande contingente de analfabetos (MOLL, 1996).

Nas grandes cidades e nos meios rurais do Brasil existem pais, mães, avós, avôs, senhores, senhoras e jovens que trabalham, votam, pegam o ônibus, fazem compras, pagam contas, recebem a aposentadoria, compram remédios e fazem uma série de atividades corriqueiras driblando a falta do conhecimento da leitura permanecendo assim alheios a uma série de informações fundamentais para o exercício de uma cidadania plena, [...] pessoas que, mesmo não sendo capazes de ler e escrever sozinhas, ditam cartas, convivem com jornais e revistas, assinam documentos, guardam papéis importantes, Sabem da importância da escrita e conhecem esse tipo de linguagem (GEHRKE *et al.*, 2003, p.30).

Quando retornam à escola com o intuito de serem alfabetizados é necessário que o (a) educador (a) reflita sobre como acolher esses educandos herdeiros de um processo histórico excludente no âmbito educacional. O educador que recebe um adulto em sala de aula sem atentar-se sobre esse acolhimento pode cair na infelicidade do constrangimento. Ribeiro (1999) afirma que “o lamentável é que essa aceitação do cuidado tivesse que custar também a aceitação da incômoda imagem de marmanjões que desajeitadamente ocupam um lugar que não lhes seria próprio: a sala de aula” (p.187).

São importantes observações sobre a alfabetização de jovens e de adultos, pois “não pode-se pensar na alfabetização de adultos da mesma forma que se pensa na alfabetização de crianças” (GEHRKE *et al.*, 2003, p. 30). Adultos possuem uma vivência cheia de histórias, de conceitos formados, de preconceitos inclusive e bem diferente das crianças, com uma baixa autoestima proveniente do seu analfabetismo e das complicações no convívio em sociedade.

## 2.1 EVASÃO E RETORNO NA ESCOLA DE JOVENS E ADULTOS

O conhecimento aprofundado da vida dos jovens pode oferecer pistas para pensar sobre as condições de possibilidade de mudanças nas políticas de escolarização que favoreçam a finalização dos estudos nas camadas populares, tendo em perspectiva uma educação baseada em princípios de justiça e reconhecimento para os novos jovens (CARMO, 2010, p.4 *apud* MARTINEZ, 2006, p. 67).

Em uma primeira análise dos motivos de evasão e retorno dos jovens e adultos à escola devem-se considerar as diferenças do contexto social, pois “diferenças de contextos socioeconômicos e de valores culturais da massa populacional que passa, crescentemente, a frequentar a escola pública, não constituíram, historicamente, objeto relevante para essa escola” (CARMO, p.3 *apud* SPOSITO 1993).

Historicamente a escola pública excluiu os que nos seus modelos de ensino não se enquadraram, modelos estes que foram adaptados para o domínio do saber pelo Estado. Modelos em que o puro treinamento técnico substituiu a formação da pessoa, considerando o que Freire (1996) afirmou que [...] “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamental-

mente humano no exercício educativo: o seu caráter formador” (p. 33), concluindo ainda que [...] a desconsideração total pela formação integral do ser humano e a sua redução a puro treino fortalecem a maneira autoritária de falar de cima para baixo (p.115).

É necessário que o educador não baseie sua prática sua docente sobre o que o senso comum pensa do educando adulto, é fundamental que faça a sua própria análise do seu perfil e compreenda que o mesmo se retorna à escola é porque tem interesse em algum aprendizado na leitura e na escrita. É necessário considerar que [...] o adulto que passou pela escola aprendeu alguma coisa sobre a escrita, mas o que ele aprendeu fora dela pode ser, muitas vezes muito mais rico” (GEHRKE *et al.*, 2003, p. 30).

O senso comum impõe culpa sobre o estudante e não sobre o modelo de ensino da escola quando a questão é a evasão determinando que o mesmo não se interessa pelo ensino, pelo conhecimento, pela escola. Carmo (2010) afirma que:

Foi a partir de tais constatações estatisticamente significativas acerca dos fundamentos da diversidade de motivos para a evasão na EJA que pude empreender o questionamento da tese da “falta de interesse” como causa principal de evasão entre os jovens de 15 a 17 anos, fundamentada no senso comum e travestida academicamente pelo economista Marcelo Néri. (CARMO, 2010, p.2)

Ajala (2011) afirma que:

A análise da realidade da Educação de Jovens e Adultos no país para ser consistente, precisa ser realizada de forma relacional, ou seja, implica em partir da compreensão de que, se hoje existem mais de 35 milhões de pessoas com mais de 14 anos que não concluíram o ensino fundamental (AJALA 2011, p. 17 *apud* RIBEIRO *et al.*, 2001, p. 94).

Analisar a realidade da EJA é mais que pensar que tem-se que ofertar educação para pessoas analfabetas, mas pensar em quem são esses analfabetos. É necessário que o (a) educador (a) em EJA reconheça o “jovem como um sujeito” (AJALA, 2011, p.16), para evitar os estigmas e preconceitos.

A evasão dos alunos de EJA é, [...] “um complexo construto social, na medida em que estão relacionadas à desistência do processo educativo questões de diferentes ordens” (CERUTTI-RIZZATTI; PEDRALLI, 2013, p.777), sendo que estas

questões são: se o trabalho é realizado com sujeitos da região rural e da cidade, as faixas etárias e os gêneros. São Fatores relacionados aos perfis dos estudantes que exigem no trabalho do professor (a) uma análise aprofundada para realização do trabalho em EJA. Inclusive é fundamental para a análise correta do trabalho em sala de aula, saber a identidade do professor (a) quanto à comunidade. Há de se conhecer o ambiente da escola e seus horários, pois é necessário “analisar o processo de constituição da identidade dos sujeitos envolvidos na Educação de Jovens e Adultos, em específico dos educadores e educandos, é fundamental, pois isso possibilita a compreensão de como esses sujeitos se constituem no espaço educativo” (SOEK *et al.*, 2009, p.15).

Identificar os motivos de retorno à escola é fundamental para entender o porquê pessoas que já possuem uma certa experiência de vida, ou seja, conhecimento de mundo, principalmente os idosos, retornam a um ambiente no qual há tanto tempo abandonaram por inúmeros motivos. Freire (1967, p.35) afirma em Educação como prática da liberdade que “não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio”, ou seja, o jovem e o adulto em seu retorno à escola trazem uma imensa bagagem de conhecimento, tem uma história de vida construída, possuem valores arraigados.

Outra importância de se conhecer esses motivos é de evitar que eles se repitam, pois segundo Elisângela Fernandes (2011), em sua pesquisa vários jovens responderam sobre os diversos motivos pelo qual deixaram a escola e resolveram retornar aos estudos; motivos como a necessidade de trabalhar, tentar a sorte no esporte, cuidar dos irmãos mais novos, mas também há motivações de retorno por avós ou mães terem também se matriculado. Adultos idosos retornam à escola por motivos diferentes dos jovens e saber identificá-los é fundamental para o (a) educador (a) elaborar os exercícios e atividades adequadas para a turma de alfabetizados.

Observa-se que em sua pesquisa Carmo (2010) teve um “outro olhar acerca das características dos motivos de evasão na escola” concluindo que o “não reconhecimento social é o fundamento para a maioria dos motivos expressos pelos pesquisados” (CARMO, 2010, p.2). O que esclarece também que a escola tem de demonstrar para o estudante que ali se encontra o valor que o estudo representa, por-

que se não está claro porque ali precisa estar, o jovem e o adulto ali logo não mais estarão. Reconhecimento social é o que forma o cidadão esclarecido, pouco interessante para o governo dominante.

É importante também destacar que [...] a evasão escolar está presente em qualquer lugar onde esteja estabelecida a educação escolarizada... o fenômeno do fracasso e da evasão escolar não é exclusivo da EJA...[...] (CARMO. 2010. p.3). A pesquisa sobre a evasão na EJA, no entanto, é extremamente fundamental para compreendermos o fenômeno da evasão escolar em si.

## 2.2 ACOLHIMENTO AOS JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA

Acolhimento na educação de jovens e adultos tem muito que ver com o que o ilustre alfabetizador Paulo Freire destaca em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, encerrando-o com o tópico *Ensinar exige querer bem aos educandos*. Neste livro afirma que o docente tem de entender que lida com gente e não com coisas, e essa gente que em EJA é de origem humilde, tem sonhos, “esperanças tímidas, às vezes e às vezes fortes” (FREIRE, 1996, p.144).

O professor que lida com adultos tem de ser amplamente ético, tem de respeitar a autonomia e a curiosidade deste aluno que muitas vezes já foi aluno e a ética e a curiosidade não estiveram presentes na sala de aula por parte do docente. Freire (1996) afirma ainda que:

[...] o professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgrida os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (p.59-60)

O aluno adulto, bem mais que a criança, já formulou e formula inúmeras explicações sobre o que vivencia, mas a curiosidade lhe foi muito tolhida pelas notícias prontas em telejornais, em jornais e revistas e cabe ao (à) educador (a) instigar a curiosidade e mais, de maneira científica, considerando Freire (1996) que afirmou ser:

[...] tão melhor professor, então, quanto mais eficazmente consiga provocar o educando no sentido de que prepare ou refine sua curiosidade, que deve trabalhar com minha ajuda, com vistas a que produza sua inteligência do objeto ou do conteúdo de que falo (p.118).

Na alfabetização de jovens e adultos a realidade do alfabetizando deve ser um fator sempre observado pelo alfabetizador. Sobre essa realidade cabe a observação de Faraco (1992) que alerta para o fato de que o alfabetizador precisa “estar atento a essas realidades para saber lidar com ela, auxiliando o aluno a desenvolver as estratégias adequadas para o enfrentamento das dificuldades” (1992, p. 15). É certo que todo alfabetizador em qualquer nível de educação em conjunto com a escola deve considerar que:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 1996, p. 30).

Em EJA estes fatores merecem um olhar muito atento do alfabetizador. Freire (1996) ainda define que “o protagonista desta história, o alfabetizando, possui um sentimento de inferioridade diante da sociedade em que se encontra por não saber ler e não saber falar corretamente”. É fundamental que o alfabetizador possua uma formação adequada para saber trabalhar este sentimento e não ampliá-lo. A palavra acolhimento cabe aqui adequadamente neste processo. “É preciso também, motivar o alfabetizando a falar, pois a sua história de vida está, muitas vezes, marcada pela pedagogia do silêncio, silêncio este fruto de uma vida marcada pela inferioridade de seu conhecimento sem leitura e sem escrita” (GEHRKE *et al.*, 2003, p.17).

O acolhimento no processo de alfabetização de jovens e adultos tem a ver com o respeito ao modo de falar do adulto que retorna à escola baseando-se na ideia de Faraco (1992) sobre a substituição da pronúncia correta “que deve ocorrer sem opressão, mas sim pelo amadurecimento pelo contato com o padrão que só vai ocorrer após certo tempo de vida escolar, isto se a escola souber conduzir o alfabetizando para tal processo de substituição de pronúncia” (FARACO, 1992). A partir destas considerações sobre o processo de alfabetização, o fundamental é que a escrita

preceda a pronúncia e esta última deve ser parte do processo de convivência no ambiente escolar. O (a) alfabetizando (a) deve entender que “fala-se de um jeito e escreve-se de outro”(GEHRKE *et al.*, 2003, p.52).

Sobre o acolhimento no processo de alfabetização de jovens e adultos é de grande importância que o que se quer dizer não é que se deve tratar com extremo carinho ou mesmo com certo dó ou pena o alfabetizando por este ter uma história triste de abandono escolar precedendo seu retorno à escola. Afirmou Freire (1996) que:

[...] às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O “que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo” (p.42).

O que se quer dizer é que se deve respeitar o seu tempo em sala de aula, a condição em que ali chega, se o cansaço do trabalho dificulta o aprendizado, inclusive ter que preparar materiais adequados à realidade do aluno, estar presentes como educadores e ter sempre como ferramenta de ensino a paciência e o diálogo diante de qualquer situação em sala de aula.

Verificar a relação aprendizagem da leitura e da escrita frente ao acolhimento pedagógico é fundamental, pois o que se espera é que aquele que um dia seja por qual motivo que tenha sido não aprendeu a ler e a escrever, seja alfabetizado efetivamente, ou seja, nesse retorno à sala de aula aprenda a ler e a ler bem e a escrever e a escrever bem. Quando retorna à sala de aula o adulto traz consigo a experiência:

[...] mas não basta refletir sobre a experiência, é necessário combinar essa reflexão, ou inserir nessa reflexão, elementos externos à própria experiência, como sejam, por exemplo, as leituras sobre o assunto em causa (ROGERS, 1995) ou os elementos e métodos do conhecimento científico (DEWEY, 1971 *apud* LOUREIRO, 2010, p.49).

O preparo do professor e da professora para o trabalho com EJA é fundamental para que o acolhimento seja favorável ao aprendizado de pessoas que diferentemente das crianças, foram estigmatizadas durante a sua vida por seu analfabetismo como incapazes e inferiores. É fundamental que o (a) educador (a) entenda

primeiramente que “são pessoas que não tiveram infância, ou tiveram uma infância frustrada, têm vergonha de si mesmos, possuem complexo de inferioridade diante da sociedade que os oprime e os discrimina (FREIRE, 1987 *apud* BENITE *et al.*, p. 401).

### 2.3 A PERMANÊNCIA DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA

Sobre a permanência do jovem e do adulto na escola cabe destacar que “o propósito é contrapor-se metodicamente ao senso comum e suas justificativas que compreendem a evasão como construção social negativa “colada” aos alunos” (CARMO, 2010, p.2).

De acordo com o inciso 2º do artigo 37 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional o “Poder Público deve mediante ações integradas e complementares entre si” tornar viável a permanência e o acesso do adulto na escola. Mediante esse recurso legal o educador deve embasar sua prática na EJA, cobrando do Estado recursos para que o trabalhador permaneça na escola evitando assim a evasão novamente (BRASIL, 2015).

A escola, nesse mundo globalizado, precisa atentar-se sobre essa exclusão e mais do que pensar sobre, agir sobre a problemática, pois é fundamental que o adulto que retorna à escola, nela permaneça e conclua os estudos. Freire (1996) deixa claro que na verdade, “o discurso da globalização que fala da ética esconde, porém, que a sua é a ética do mercado e não a ética universal do ser humano, pela qual deve-se lutar bravamente, se optou na verdade, por um mundo de gente” (1996, p.127).

É comum também, como destaca Ribeiro (1999, p. 185), que haja uma “transposição inadequada no modelo de escola consagrado no ensino fundamental de crianças e adolescentes”. Acaba-se infantilizando o adulto que não retorna à escola para voltar a ser criança, mas sim para aprender a ler e a escrever corretamente e a utilizar a matemática de maneira útil e prática.

Educar para jovens e para adultos exige dinâmica, mais que quadro e giz:

Trata-se da necessidade de desenvolver competências para atuar com novas formas de organização do espaço-tempo escolar, buscando alternativas

ao ensino tradicional baseado exclusivamente na exposição de conteúdos por parte do professor e avaliação somativa do aluno (RIBEIRO, 1999, p. 195).

Verificar a relação de permanência no espaço de sala de aula frente ao acolhimento da alfabetizadora é extremamente importante, pois a forma como são elaborados os exercícios para jovens e adultos é definitiva para que haja interesse na aula para uma pessoa que trabalha, cuida da casa, e chega ao ambiente de sala de aula interessado em algo que pareça produtivo em relação ao seu objetivo de aprender a ler e a escrever. A observação de Schwartz *et al.*, (2015, p.10) sobre a organização do trabalho pedagógico na alfabetização, reforça que “para uma organização adequada para o trabalho pedagógico, o diálogo é o elemento central nas práticas”. O diálogo entre o professor (a) e o (a) alfabetizando em EJA é fundamental que ocorra sempre, pois não há como alfabetizar adultos sem conversa sobre seus interesses, sobre o que aconteceu durante a semana, sobre o que acontece em sua vida, sobre como foi sua história de vida.

Pensar na permanência, no combate a um novo abandono da sala de aula, ou seja, de uma nova evasão do jovem e do adulto no retorno é refletir sobre a prática pedagógica, como Freire (1996) afirma que a “prática docente crítica, implicate do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (1996, p. 38). O educador tem de refletir sobre sua prática diariamente, num exercício constante.

O jovem e o adulto possuem saberes e “é destes saberes e práticas que sai o conteúdo, ou seja, o tema gerador, para o processo de alfabetização de jovens e adultos” (GEHRKE *et al.*, 2003, p.15). O tema gerador tem a ver sempre com os objetivos de vida do adulto. Tem-se que considerar o que RIBEIRO (1999) afirma sobre um dos vetores metodológicos que definem o objetivo da educação para jovens e adultos, ou seja:

[...] a busca pela identidade dessa modalidade educativa consiste no enfoque privilegiado às necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos, principalmente aquelas relacionadas à sua inserção no mercado de trabalho, para o exercício da cidadania, para a promoção da qualidade de vida e do convívio na comunidade e na família (RIBEIRO, 1999, p. 191).

O adulto deve ser ouvido e sentir-se sujeito ou logo não se interessa pela escola, pela aula, destaca SOEK *et al* (2009) quando define que “é preciso escutar o adulto, levá-lo a uma atitude de reflexão constante sobre o próprio processo de construção de conhecimentos” (p. 75, 2009). O aluno adulto, bem mais que a criança, se não é ouvido e não é conhecido, não aprende ou aprende muito pouco. O educador para adultos tem de ter uma formação adequada neste sentido, destaca Freire (1996), pois, “o professor autoritário, que recusa *escutar* os alunos, se fecha a esta aventura criadora. Nega a si mesmo a participação neste momento de boniteza singular: o da afirmação do educando como sujeito de conhecimento” (1996, p.124).

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa desenvolvida se caracteriza por ser qualitativa e exploratória. A análise foi qualitativa, pois o que se pretende com essa pesquisa não é coletar dados para montar gráficos ou planilhas para consultas que gerem estatística, mas se pretende observar a qualidade e o resultado do trabalho pela análise das respostas dos personagens envolvidos no processo de alfabetização de jovens e adultos, ou seja, daqueles que deveriam ter sido alfabetizados na idade certa e não o foram, e para isso é necessária observação e exploração com interesse, pois:

[...] trabalho de pesquisa deve ser assumido no desejo. Se essa assunção não se dá, o trabalho é moroso, funcional, alienado, movido apenas pela necessidade de prestar um exame, de obter um diploma, de garantir uma promoção de carreira (BARTHES, 2004, p.99).

Sobre o trabalho de pesquisa, que não é apenas um trabalho de aplicação de questionário para depois ler as respostas, mas de observação das ações da professora frente aos/as educandos/as, para tanto, será observada as falas dos mesmos durante a aula (BARTHES, 2004).

O trabalho dessa pesquisa foi analítico qualitativo, pois se acredita que como definiu SÁ (2012) a Pedagogia possui em sua cientificidade um caráter de aplicação, onde elabora um conhecimento pedagógico que constrói assim a identidade do pedagogo, uma construção histórico-cultural (SÁ, 2012, p. 100).

Os dados serão analisados qualitativamente com olhar analítico contextual, ou seja, considerando o momento histórico em que o jovem e o adulto se encontram em relação à sua educação primária.

#### 3.2 UNIVERSO DA PESQUISA

A pesquisa será desenvolvida na Escola Municipal Reino da Loucinha. Esta escola fica no município onde reside o pesquisador. A escola trabalha com alfabetização de jovens e adultos dentro da modalidade EJA e o pesquisador possui muito

interesse em trabalhar nesta área no seu município, desta forma foi bem interessante a pesquisa ser realizada nesta escola.

### 3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para todo o trabalho de pesquisa, durante a elaboração do questionário para captar as respostas será considerado o que Szimanski (2008, p.30) destaca sobre não induzir respostas, visto que perguntas onde a resposta seja sincera mantém uma legitimidade da pesquisa.

Serão analisadas as respostas dos questionários para que a pesquisa venha contribuir como material de consulta, para que possa refletir sobre a importância do acolhimento no processo de alfabetização dos adultos. Dessa forma, o trabalho tem como intenção a exploração do trabalho pedagógico da alfabetização em EJA, para que não se engavete, sem aplicação na formação de professores/as.

Para tanto, na entrevista a postura será a de um entrevistador reflexivo como define Szymanski (2008, p.16), ou seja, esperando que os/as educandos/as adultos falem sobre o que estão sentindo sobre o acolhimento da professora na sala de aula. Também, terá cuidado para que os questionamentos não sejam interpretados como invasão de privacidade, como também destaca Szymanski (2008, p.17).

### 3.4 FASES DA PESQUISA

#### 1ª Fase

Observação, Diagnóstico e Registro das atividades desenvolvidas no espaço da escola junto à turma de Alfabetização, a considerar que mais que a sala de aula, a escola é o ambiente onde o adulto busca algo diferente do ambiente familiar e no ambiente do trabalho.

#### 2ª Fase

Entrevistando os alfabetizandos e docente visando traçar o perfil dos protagonistas envolvidos na pesquisa. Para tanto, será elaborado um Instrumento de Coleta

de Dados com aplicação de um questionário com educandos e alfabetizadora de uma escola da Rede Municipal de Campo Largo.

### 3ª Fase

Junto aos educandos questionar os motivos de retorno à escola, verificando o tempo de afastamento da escola de origem, a relação entre a permanência no espaço de sala de aula e o acolhimento da alfabetizadora.

### 4ª Fase

Avaliando a relação da aprendizagem da leitura e da escrita e o acolhimento pedagógico como motivo de permanência.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1 SUJEITOS DA EJA: EDUCANDOS (AS) E EDUCADORES (AS)

[...] sobre os sujeitos jovens: “ao dialogarmos como educadores nos abrimos para a totalidade do processo educativo do qual a escola e seus sujeitos são partes indissociáveis” (CARRANO, 2000, p.10 *apud* ANDRADE, 2004).

Essas palavras exigem de todos os envolvidos repensarem sobre o como a escola vem tratando a EJA, sendo que os educandos no “[...] discurso escolar os trata, *a priori*, como os repetentes, evadidos, defasados, aceleráveis, deixando de fora dimensões da condição humana desses sujeitos, básicas para o processo educacional” (ARROYO, 2001), e os educadores muitas vezes reforçam esses estigmas. Para tanto, é preciso traçar o perfil do educador e ouvir sua voz.

A professora da turma tem idade de 48 anos, é casada, um filho, não reside próximo à escola, mas conhece a comunidade e participa em atividades que envolvem a comunidade e a escola. Sobre o trabalho de um alfabetizador em EJA quanto ao envolvimento com a comunidade, mais que apenas alfabetização, há um trabalho de transformação social, de cidadania. Freire (2000) afirma, que:

[...] o trabalho de alfabetização na medida em que possibilita uma leitura crítica da realidade, se constitui como um importante instrumento de resgate da cidadania e que reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social (FREIRE 2000, p.68 *apud* GEHRKE *et al.*, 2003, p.27).

Formou-se em Pedagogia na Universidade Estadual de Londrina e na área de Educação de Jovens e adultos faz assessoramento trimestral no colégio junto com as outras professoras da EJA. Seu vínculo com a rede foi através de concurso público, há 28 anos e trabalha à cinco anos com EJA, sendo três anos na Escola Municipal Reino da Loucinha.

Quando questionada sobre as maiores dificuldades encontradas na alfabetização dos jovens e adultos, com os quais ela trabalha, sua resposta foi que “falta de motivação durante o ano letivo” (DOCENTE, 2016). Cabe nesse momento refletir

sua fala. Como explicar que a professora percebe que falta motivação por parte de seus alunos e não questiona sua prática pedagógica? não refletindo como indica Freire (1996), pois a “prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 1996, p.38)

A fala da professora demonstra que ela considera os motivos da desistência como “[...] a pequenos detalhes, são motivos para desistência” (DOCENTES, 2016), o que contraria Freire (1996) quando afirma que, [...] “se trabalho com jovens e adultos, não menos atento devo estar com relação a que o meu trabalho possa significar como estímulo ou não à ruptura necessária com algo defeituosamente assentado e à espera de superação” (p. 70). Cabe aqui refletir sobre esses pequenos detalhes que para os estudantes podem ser motivos muito significantes, sendo que o trabalho é estímulo diário no ensino em EJA, sendo que:

No processo de reflexão sobre a prática pedagógica, as educadoras e educadores descobrem que são mais que alfabetizadores quando alfabetizam, mais que ensinantes quando ensinam. Elas e eles fazem parte de uma dinâmica social, cultural e formadora extremamente rica que pode dar às suas práticas novos sentidos (GEHRKE *et al.*, 2003, p. 149).

A professora afirmou que não há nenhum problema com material, com livros, com estrutura física do colégio, com apoio da equipe do colégio. Segundo ela o trabalho com alfabetização na educação de jovens e adultos se justifica porque adora o que faz, ou seja, segue a linha de Paulo Freire (1967) que afirma que “ a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem ” (p.97). A professora demonstra muita satisfação e entusiasmo sobre o seu trabalho em EJA.

A professora foi entrevistada antes dos alunos com o propósito de analisar as falas frente uma a outra, dessa forma, eles foram entrevistados individualmente em outra sala enquanto ela continuava na sua aula.

O relacionamento da turma com a professora é de respeito e muita atenção, pois adota diversas metodologias, dialoga com os estudantes sobre os exercícios e sobre as palavras que passa no quadro. Em uma aula trabalhou matemática e depois português. Os alunos mais novos vão ajudando os mais idosos e o ambiente é

de amizade e respeito entre todos. O diálogo, o carinho e o respeito estão presentes na aula no trabalho da professora com os alunos, sendo que as:

[...] concepções e propostas de EJA comprometidas com a formação humana passam, necessariamente, por entender quem são esses sujeitos e que processos pedagógicos deverão ser desenvolvidos para dar conta de suas necessidades e desejos (ARROYO, 2001 *apud* ANDRADE, 2004, p. 1).

O primeiro campo investigativo buscou traçar o perfil dos educandos da Escola Municipal Reino da Loucinha. A escola pesquisada pertence ao Município de Campo Largo, uma cidade com uma redondeza bastante rural e com muitas fábricas de cerâmica, possui uma região central pequena e a escola se localiza neste centro.

Foi acompanhada uma turma do 1º Ciclo, ou seja, alfabetizandos. Composta por 11 educandos, sendo 4 do sexo masculino e 7 do sexo feminino. Sendo que na turma uma aluna possui necessidades especiais.

Metade da turma reside próximo à escola, sendo que um estudante reside longe, mas, mesmo assim, vai de bicicleta. Os outros vão de ônibus para casa e um vai da escola para o trabalho. Todos os alunos da turma possuem renda familiar entre 1 a 3 salários-mínimos, mas apenas uma estudante participa de programa de renda de ajuda do governo, o Bolsa Escola. Há de se destacar, como neste grupo encontram-se jovens de 20 e 24 anos, que pertencem:

[...] ao mundo do trabalho, ou do desemprego, como é mais comum, incorpora-se ao curso da EJA objetivando concluir etapas de sua escolaridade para buscar melhores ofertas do mercado de trabalho por sua inserção no mundo letrado (FERRARI, 2011 *apud* AJALA, 2010, p. 34).

A turma é heterogênea em relação à idade, sendo que tem 2 alunos com 20 e 24 anos, 4 alunas idosas, onde está inclusa a que possui necessidade especial, que nunca havia estudado anteriormente, e diz que está na escola porque “gosta de estudar, gosta da escola, gosta da professora” (EDUCANDA 1, 2016). Esta aluna possui 73 anos e dificuldade para falar, confunde a sua idade e é muito bem acolhida pela turma e pela professora. Disse que nunca teve oportunidade de estudar antes. Importante destacar que de acordo com Haddad e Di Piero (2000),

[...] o processo de alfabetização e escolarização de jovens e adultos até a década de 80 era feito com pessoas maduras ou idosas, de origem rural,

que nunca tinham tido oportunidades escolares. A partir de 1980, os programas de escolarização de adultos passaram a acolher também jovens de origem urbana, os quais já tinham um contato escolar anteriormente, mesmo que este tenha sido mal sucedido (HADDAD E DI PIERO, 2000 *apud* AJALA, 2010, p.27).

## 4.2 TRAJETÓRIAS ESCOLARES

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo (BARRETO; BESERRA, 2014, p.180).

As falas dos estudantes entrevistados foram as mais diversas em relação aos motivos pelos quais abandonaram a escola e quanto ao retorno. Cabe destacar que duas estudantes nunca tiveram acesso à escola, ou seja, são pessoas que estão tendo o primeiro contato com o ambiente escolar no ano de 2016 incluindo a estudante com necessidades especiais.

Duas estudantes, com mais de 30 anos, relataram que moravam longe da escola em zona rural de Campo Largo onde não havia acesso para a escola. Hoje é possível frequentar a escola porque há disponibilidade de ônibus que saem de hora em hora do terminal permitindo assim o acesso. Também há de se ressaltar que há mais escolas nas regiões rurais, com ônibus escolares que buscam as crianças, porém não estão disponíveis para os adultos à noite. Antigamente o acesso à escola para as crianças que residiam nas chácaras, sítios ou fazendas nas regiões era bem mais difícil.

O acesso à escola para esses adultos que nasceram e foram criados na região rural foi negado por muito tempo e hoje quando retornam à escola querem mais que aprender a ler e a escrever:

[...] são muitas vezes mulheres e homens que querem escrever não só seu nome, mas palavras, ideias que tenham significado em suas vidas, que lhes ajudem a compreender porque lhes foi negado o direito de ler e escrever e o direito à terra, que lhes ajudem a dizer sua palavra e a reescrever o mundo” (GEHRKE *et al.*, 2003, p.12-13).

Muitos motivos do abandono escolar na infância estão relacionados com:

[...] distância da escola até suas casas, o desinteresse, a dificuldade em se adquirir os conhecimentos básicos, a opção ou a necessidade de desenvolver uma atividade remunerada, ou atrasos em sua aprendizagem (CERATTI, 2008 *apud* AJALA, 2011, p.18-19).

Os estudantes mais novos têm 20 e 24 anos, sendo o mais novo casado e o outro solteiro, ambos sem filhos. O estudante de 20 anos trabalha na construção civil com carteira assinada, além disso o “desemprego, os baixos salários e as péssimas condições de vida comprometem o processo de alfabetização de jovens e adultos” (BARRETO; BESERRA, 2014, p.180). Outro afirmou que se afastou da escola, pois a diferença de idade na sala de aula de alfabetização era grande se sentia mal em relação aos outros colegas. Retornou à escola, pois sentiu vontade de aprender a ler e a escrever. Já o estudante de 24 anos trabalha como “soprador” em uma fábrica de vidrarias. Afastou-se da escola, pois possuía dificuldade de aprender a ler e a escrever e não tinha um bom relacionamento com os colegas. Retornou à escola, pois quer estudar astronomia e tirar carteira de motorista.

É necessário observar que o estudante que hoje é “soprador” tem intenção de continuar os estudos após o ensino básico, ou seja, possuir uma graduação em Astronomia de nível superior (EDUCANDO, 2016). Bisinella (2014, p. 2) afirma que “[...] mesmo com a explosão de ingressos no ensino superior ela ainda não foi suficiente para a grande maioria de jovens e adultos no Brasil”. É importante que não seja desestimulado o sonho do estudante em EJA para atingir o nível superior, ao contrário, o estímulo a estes sonhos que não são impossíveis deve permear o ambiente em sala de aula por parte do educador e além da sala de aula, Bisinella (2014, p. 5) também conclui que “é preciso melhorar as políticas públicas que favoreçam o ingresso dos alunos de EJA no ensino superior”.

Muitos retornam pela vontade de aprender a ler e a escrever, continuar os estudos até superior, tirar documentos, um sonho que Maria de 63 anos, aluna da EJA na Escola Municipal Darcy Ribeiro, ano de 2009, afirma pela fala de Ferreira, Ferreira; Silva (2012):

[...] “Quando eu vejo as pessoas “se dando bem” nos estudos e conseguindo um „bom emprego”, que „ganhe bem”, dá vontade de estudar muito para „crescer na vida” também. Tenho fé em Deus que vou fazer uma faculdade. Vou ser assistente social” (p. 5-6).

Nota-se que o estudante adulto possui vontade de continuar os estudos para ter o que a sociedade define como emprego, pois os trabalhos realizados por quem não conclui o ensino superior são considerados subempregos, remetendo assim ao não reconhecimento social. Ferreira, Ferreira e Silva (2012) consideram também que o sonho de acesso ao nível superior deve ser considerado como um [...] impulso para que esses alunos continuem sua trajetória escolar” (p. 6). O sonho desse perfil de aluno também está envolvido na profissão que ele sempre almejou, pois é muito provável que a que hoje exerce é resultado da vida difícil que levou pela falta do estudo. É necessário ressaltar também que para o estudante da EJA há:

[...] a esperança de que ao se tornarem alfabetizados, consigam um trabalho melhor; ou até uma profissão na qual tenham ousado sonhar. Tudo se passa como se a frequência na EJA tornasse as dificuldades socioeconômicas menores e continuar os estudos até a universidade se constitui em algo mais provável (FERREIRA, FERREIRA; SILVA, 2012, p. 6).

Observa-se que a turma é composta praticamente por mulheres de 35 a 73 anos. Destaca-se o fato de que dentre as mulheres, quatro afirmaram que o motivo de se afastarem da escola foi a necessidade de trabalhar para ajudar na complementação da renda familiar. Senhoras que abandonaram cedo os estudos para o trabalho, muitas vezes fora e dentro de casa. Todas afirmaram que se afastaram da escola há mais de 26 anos. Esses dados revelam uma questão de gênero na sociedade onde:

[...] os papéis atribuídos ao homem e à mulher são acentuados no século XIX, [...] a partir de um discurso de cunho naturalista de diferenciação entre os sexos: “Aos homens, o cérebro (muito mais importante do que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos”. Esse discurso justificava a participação do homem no espaço público e político e da mulher no espaço privado e familiar (AQUINO; BRITO; COSTA, 2015, p. 6).

Quando foram questionadas sobre os motivos que as levaram a retornar à escola, a necessidade de saber mais por conta do trabalho, r foi a resposta de quatro das sete mulheres presentes. Foi relatado a necessidade de ler e escrever “para

preencher formulários”, “para arrumar emprego, pois sem ler e escrever “é muito difícil” e também “para todas as coisas da vida” (EDUCANDAS, 2016). As estudantes entrevistadas não são apenas trabalhadoras, são trabalhadoras imersas em um mundo letrado que exige que elas tenham a única opção de aprender as letras para qualquer que seja o trabalho que nele desempenhem. Na escola porém o educador deve estar ciente de que:

[...] alfabetizar não significa apenas conhecer o mundo letrado, mas antes de qualquer coisa tornar o educando consciente de que as mudanças só acontecem a partir de suas ações enquanto cidadão integrador de uma sociedade que ainda é injusta, excludente e discriminatória (BARRETO; BE-SERRA, 2014, p. 186).

O único caso em que a estudante não trabalha é de uma pensionista e o motivo que a levou a retornar à sala de aula foi a influência de uma amiga. Dentre os quatro homens, dois deles possuem 38 anos. Trabalham na construção civil. Um deles por conta própria, pedreiro e o outro é servente em uma empresa temporariamente. O pedreiro relatou que teve de trabalhar desde cedo e o trabalho era longe da escola e não teve acesso aos estudos. Sentiu a vontade de aprender a ler e a escrever, voltando assim à sala de aula após mais de 30 anos longe deste ambiente. O servente relatou que simplesmente não gostava de estudar, odiava a escola desde o início e agora sentiu a necessidade de aprender a ler e a escrever para tirar o documento de habilitação, para arrumar um bom emprego e para as coisas do dia a dia (EDUCANDO, 2016).

São indivíduos que tem esperança de uma vida melhor após aprender a ler e a escrever, revelando que:

[...] mesmo após tantos anos afastados da escola, estes indivíduos perceberam a necessidade dos estudos, da aquisição de conhecimentos em suas vidas visando melhoras na qualidade de vida. [...] uma parcela significativa da população que abandona a escola após um tempo variável reconhece a falta de conhecimento e/ou ensino em suas vidas, retornando assim aos bancos escolares” (AJALA, 2011, p. 34-36).

#### 4.3 A RELAÇÃO DO ACOLHIMENTO COM A EVASÃO E PERMANÊNCIA

Na pesquisa todos os estudantes questionados sobre a sua permanência na escola e a atuação da professora, elogiaram a docente e afirmaram que estão muito satisfeitos de ali estarem e que a experiência de retorno à sala de aula é agradável e satisfatória. Não houve queixas sobre os métodos da professora, ao contrário, somente elogios.

Durante as observações sobre o ambiente em sala de aula, foi notável a interação entre os alunos. O aluno de 24 anos que sonha ser astrônomo auxiliou uma colega bem mais velha quando o perguntou sobre certa operação matemática. O ambiente em sala de aula deve ser de troca de saberes. Segundo Barreto; Beserra (2014, p. 165) a “práxis pedagógica se dá numa relação de troca coletiva e, portanto, pressupõe diferentes níveis de saberes e de participação”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola tem de ser um espaço acolhedor para o jovem e para o adulto que nela estão retornando. Deve oferecer um lanche adequado a quem sai de seu trabalho e na maioria das vezes não há como jantar, também deve-se pensar em cadeiras adequadas ao assento do adulto para assistir às aulas, o material didático e os exercícios devem ser adequados para a idade adulta, o laboratório de informática deve funcionar no período noturno, e não só funcionar, é necessário que o educador o utilize junto com os alunos.

O universo escolar em educação de jovens e adultos é muito diferente, muito diverso do universo escolar das crianças. É um espaço onde deve haver um sentimento de esperança envolvido. É um universo de muito diálogo, muito companheirismo e muita insistência. Uma insistência diária do (a) educador (a) no convencimento da capacidade daquele que aprende mais devagar, mas aprende. Uma insistência de dizer que não é fácil, mas não é impossível aprender a ler, a escrever e a fazer conta. Uma insistência de que o cansaço, a luta diária para ali estar é compensador. É um ambiente que deve envolver o (a) educando (a) adulto (a). As atividades em sala de aula devem ser dinâmicas e relacionadas ao mundo adulto, ao mundo do trabalho e do seu dia a dia.

Assim sendo, quanto mais acolhedor for o ambiente escolar na EJA mais possibilidade de permanência do educando em sala de aula, principalmente na fase de alfabetização evitando assim a evasão em salas de aulas de EJA confirmando que novamente falhamos no processo educativo.

## REFERÊNCIAS

AJALA, Michelle Cristina. Aluno EJA: motivos de abandono e retorno escolar na modalidade EJA e expectativas pós EJA em Santa Helena-PR. **Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização**. UTFPR. Medianeira, 2001. Disponível em:

<[http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1647/1/MD\\_PROEJA\\_2012\\_IV\\_16.pdf](http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1647/1/MD_PROEJA_2012_IV_16.pdf)> Acesso em: 20/10/2016.

ANDRADE, Eliane Ribeiro. Os sujeitos educandos na EJA. *In: TV Escola, Salto para o Futuro. Educação de Jovens e Adultos: continuar... e aprender por toda a vida. Boletim*, 20 a 29 set. 2004. Disponível em:

<<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2004/eja/index.htm>>. Acesso em: 20/10/2016.

AQUINO, Evely Cristine Pereira de; BRITO, José Eustáquio de; COSTA, Vânia Aparecida. Trajetórias de mulheres da educação de jovens e adultos em um assentamento de reforma agrária: entre a luta pela terra e pela leitura da palavra. **37ª Reunião Nacional da ANPED** – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis. Disponível em:

<<http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt03-3802.pdf>>. Acesso em 29/10/16.

ARROYO, Miguel. A Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão. Alfabetização e Cidadania. São Paulo: Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil (RAAAB), n.11, abril 2001. *In: ANDRADE, Eliane Ribeiro. Os sujeitos educandos na EJA. In: TV Escola, Salto para o Futuro. Educação de Jovens e Adultos: continuar... e aprender por toda a vida. Boletim*, 20 a 29 set. 2004. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2004/eja/index.htm> Acesso em: 20/10/2016.

BARRETO, Maribel Oliveira; BESERRA, Valesca. Trajetória Da Educação De Jovens E Adultos: Histórico No Brasil, Perspectivas Atuais E Conscientização Na Alfabetização De Adultos. **Cairu em Revista**. Jul/Ago 2014, Ano 03, n° 04, p. 1 64-190. Disponível em:

<[http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014\\_2/10\\_trajetoria\\_educacao\\_jovens\\_adultos.pdf](http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014_2/10_trajetoria_educacao_jovens_adultos.pdf)>. Acesso em 31/10/16

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Prefácio Leyla Perrone-Moisés; tradução Mário Laranjeira; revisão de tradução Andréa Stahel M. da Silva. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Roland Barthes).

BENITE, Anna M. Canavarro ; BENITE, Claudio R. Machado; FRIEDRICH, Márcia; PEREIRA, Viviane Soares. Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas. **Ensaio: aval. públ. Educ.**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 389-410, abr./jun. 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v18n67/a11v1867>> Acesso em 29/10/16

BISINELLA, Patrícia Borges Gomes. EJA e Ensino Superior: um estudo sobre trajetórias de egressos e a transição para o ensino superior no município de caxias do sul. **X ANPED SUL**, Florianópolis, outubro de 2014. Disponível em <[http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/638-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/638-0.pdf)> Acesso em 29/10/2016

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. A organização do trabalho escolar e os recursos didáticos na alfabetização. Caderno 4. Brasília, 2015.

CARMO, Gerson Tavares do. **Evasão de alunos na EJA e reconhecimento social: crítica ao senso comum e as suas justificativas**. UENF. 2010.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Identidades juvenis e escola. Alfabetização e Cidadania. São Paulo: **Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora no Brasil (RAAAB)**, n.10, nov. 2000. Disponível em: <[http://www.cereja.org.br/arquivos\\_upload/saltofuturo\\_eja\\_set2004\\_progr3.pdf](http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/saltofuturo_eja_set2004_progr3.pdf)> Acesso em: 20/10/2016.

CERATTI, M. R. N. **Evasão escolar: causas e consequências**. Disponível em [www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/242-4.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/242-4.pdf)? Acesso em: 20/10/2010.

CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth; PEDRALLI, Rosângela. **Evasão escolar na educação de jovens e adultos: problematizando o fenômeno com enfoque na cultura escrita**. Revista brasileira de linguística aplicada. Vol.13 no.3. Belo Horizonte: jul./set. 2013 Epub 03-Set-2013.

FARACO, Carlos Alberto. **Escrita e alfabetização**. São Paulo: Contexto, 1992. Coleção repensando a língua portuguesa.

FERNANDES, Elisângela. **No meio do caminho havia (muitas) pedras**. Nova escola, n.º 244, p. 96-101, agosto, 2011.

FERREIRA, Daniela Maria; FERREIRA, Shirley Lopes; SILVA, Shirley Ângela da. **A expectativa dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) com relação à educação para o trabalho**. Pernambuco. 2012. Disponível em <[https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao\\_pedagogia/pdf/2012.1/a%20expectativa%20dos%20alunos%20da%20educacao%20de%20jovens%20e%20adultos.pdf](https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2012.1/a%20expectativa%20dos%20alunos%20da%20educacao%20de%20jovens%20e%20adultos.pdf)> Acesso em: 02/11/16

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre a alfabetização**. Tradução Horácio Gonzalez (et al.) 5ª. Ed. – São Paulo: Editora Cortez, 1985.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Paulo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros inscritos.** São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GEHRKE, Marcos; SCHWENDLER Sonia Fátima; ZANETTI, Maria Aparecida (org). TIEPOLO, Elisiani Vitória. **Formação de educadoras e educadores: o planejamento na alfabetização de jovens e adultos.** Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2003.

HADDAD. S; DI PIERRO, M. C. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira Educação**, Rio de Janeiro, n. 14, ago. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141324782000000100007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782000000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 23/10/2016.

LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. Reciprocidade e acolhimento na educação de jovens e adultos: ações intencionais na relação com o saber. **Educar em revista** n.º 29. Editora UFPR. Curitiba, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602007000100008>>. Acesso em: 21/03/2016.

LOUREIRO, Armando Paulo Ferreira. Um centro de educação e formação de adultos que aprende. **Educação em Revista.** Belo Horizonte: v.26. n.º 02. p.43-64. ago. 2010

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização Possível. Reinventando o ensino e o aprender.** Editora Cortez. Porto Alegre, 1996.

RIBEIRO, Vera Masagão. **A formação de educadores e a constituição da educação de jovens e adultos como campo pedagógico.** Educação & Sociedade, ano XX, nº 68, Dezembro/99.

SÁ, Ricardo Antunes de. **A cientificidade da Pedagogia e os Pressupostos do Pensamento Complexo.** Educativa, Goiânia, v. 15, nº 1, p.99-111, jan./jun., 2012.

SOEK, Ana Maria. (et al.). **Educação de Jovens e Adultos na Diversidade: Sujeitos de Educação de jovens e adultos.** Curitiba: UFPR/CIPEAD, 2009.

SZYMANSKI, Heloisa (org.); ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. **A entrevista na educação: a prática reflexiva.** 2ª ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

**APÊNDICE I**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
SETOR DE EDUCAÇÃO - GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA  
**Coordenação de Trabalhos de Conclusão de Curso**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

---

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

Desde logo fica garantido o sigilo das informações. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

**INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:**

Título do projeto: RETORNO À ESCOLA DE JOVENS E ADULTOS: ALFABETIZAÇÃO, ACOLHIMENTO E PERMANÊNCIA.

Pesquisador Responsável (acadêmico): Marcus Vinícius Gonçalves de Oliveira

Telefones para contato: 41 9688-0414 41 8515-4236

Objetivo da pesquisa: Identificar as relações abandono-temporário e regresso, acolhimento, via trabalho pedagógico, na promoção da permanência junto aos/as alfabetizando/as jovens e adultos.

Nome e Assinatura do pesquisador: Marcus Vinícius Gonçalves de Oliveira

---

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Eu \_\_\_\_\_ RG) \_\_\_\_\_,  
abaixo

assinado, concordo em participar do estudo RETORNO À ESCOLA DE JOVENS E ADULTOS: ALFABETIZAÇÃO, ACOLHIMENTO E PERMANÊNCIA. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador **Marcus Vinícius Gonçalves de Oliveira** sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido o sigilo das informações e que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento.

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura do sujeito ou responsável: \_\_\_\_\_

**QUESTIONÁRIO PARA O (A) PROFESSOR (A) DA  
ESCOLA MUNICIPAL ANÍSIO TEIXEIRA**

**Identificação:**

- 1 Idade \_\_\_\_\_ 2 Sexo: ( ) masculino ( ) feminino
- 3 Estado civil: ( ) solteiro ( ) casado ( ) união estável ( ) outro \_\_\_\_\_
- 4 Você tem filhos?: ( ) NÃO ( ) SIM, Quantos? \_\_\_\_\_
- 5 Reside próximo à escola? ( ) SIM ( ) NÃO, moro no Bairro \_\_\_\_\_
- 6 Conhece e faz parte da comunidade escolar?  
( ) NÃO ( ) SIM, na função de \_\_\_\_\_

**Formação Profissional:**

- 7 Qual o Curso de graduação e em qual Instituição foi realizado?
- \_\_\_\_\_

- 8 Possui algum curso de aperfeiçoamento ou especialização para Ensino de Jovens e Adultos?  
( ) NÃO ( ) SIM, Qual (is) e em qual (is) instituição (ões)
- \_\_\_\_\_

**Atuação na Rede Municipal de Ensino**

- 9 Qual seu vínculo profissional com a rede?
- 10 A quanto tempo trabalha na rede?
- 11 A quanto tempo trabalha com a EJA na rede?
- 12 A quanto tempo trabalha com EJA nesta escola?
- 13 Qual (is) a(s) maior(es) dificuldade(s) que encontra na alfabetização de jovens e adultos?
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- 14 Quais os motivos pelo qual está trabalhando na alfabetização com EJA?
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

---

**APENDICE II**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO**  
**SETOR DE EDUCAÇÃO - GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**  
**Coordenação de Trabalhos de Conclusão de Curso**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

---

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

Desde logo fica garantido o sigilo das informações. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

**INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:**

Título do projeto: RETORNO À ESCOLA DE JOVENS E ADULTOS: ALFABETIZAÇÃO, ACOLHIMENTO E PERMANÊNCIA.

Pesquisador Responsável (acadêmico): Marcus Vinícius Gonçalves de Oliveira

Telefones para contato: 41 9688-0414 41 8515-4236

Objetivo da pesquisa: Identificar as relações abandono-temporário e regresso, acolhimento, via trabalho pedagógico, na promoção da permanência junto aos/as alfabetizando/as jovens e adultos.

Nome e Assinatura do pesquisador: Marcus Vinícius Gonçalves de Oliveira \_\_\_\_\_

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Eu \_\_\_\_\_ (RG) \_\_\_\_\_,  
abaixo

assinado, concordo em participar do estudo RETORNO À ESCOLA DE JOVENS E ADULTOS: ALFABETIZAÇÃO, ACOLHIMENTO E PERMANÊNCIA. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador **Marcus Vinícius Gonçalves de Oliveira** sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido o sigilo das informações e que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento.

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura do sujeito ou responsável: \_\_\_\_\_

## QUESTIONÁRIO PARA O (A) EDUCANDO (A) DA ESCOLA MUNICIPAL ANÍSIO TEIXEIRA

### Identificação:

- 1 Idade \_\_\_\_\_ 2 Sexo: ( ) masculino ( ) feminino
- 3 Estado civil: ( ) solteiro ( ) casado ( ) união estável ( ) outro \_\_\_\_\_
- 4 Você tem filhos?: ( ) NÃO ( ) SIM, quantos? \_\_\_\_\_
- 5 Onde você mora próximo a escola?  
( ) SIM ( ) NÃO, moro \_\_\_\_\_

### Condições socioeconômicas

- 6 Você trabalha? ( ) NÃO ( ) SIM, na profissão de \_\_\_\_\_
- 7 Qual o seu vínculo empregatício?  
( ) Carteira assinada ( ) Temporário ( ) informal ( ) por conta própria
- 8 Qual a faixa de renda de sua família?  
( ) menos de salário ( ) 1 a 3 salários ( ) 4 a 6 salários ( ) 7 a 10 salários
- 9 Você participa de algum programa de ajuda de renda do governo?  
( ) Bolsa escola ( ) Bolsa família ( ) Programa do Leite  
( ) Não participo de nenhum programa ( ) Outro \_\_\_\_\_

### Trajetórias escolares

10 Quais os motivos que o levaram a afastar-se da escola?

MOTIVOS DE AFASTAMENTO LIGADOS A ESCOLA	MOTIVOS OUTROS DE AFASTAMENTO
( ) Notas baixas e reprovação	( ) Ajudar nas tarefas domésticas
( ) Não gostava de estudar	( ) Trabalho-ajudar na renda familiar
( ) Dificuldade de aprender a ler	( ) Trabalhar longe da escola
( ) Dificuldade de aprender a escrever	( ) Conciliar os horários: escola e trabalho
( ) Dificuldade de relacionamento com professores	( ) Doença na família ou própria, como, por exemplo, problema de enxergar (oftalmo).
( ) Dificuldade de relacionamento com colegas	( ) Proibição por parte dos pais e/ou marido
( ) Muita diferença de idade na sala de aula	( ) Outros:

- 11 Quantos anos você ficou afastado da escola?  
( ) 1 a 5 anos ( ) 6 a 10 anos ( ) 11 a 15 anos ( ) 16 a 20 anos  
( ) 21 a 25 anos ( ) 26 a 30 anos ( ) Mais de 30 anos

12 Qual (is) os motivo (s) que o levaram ao retornar à escola?

\_\_\_\_\_

13 – Foi questionado oralmente sobre a permanência e o acolhimento da professora alfabetizadora, e se isso era motivo de ficar na escola.

\_\_\_\_\_